

O ISCTE: um projecto social de modernização e desenvolvimento

José M. Prostes da Fonseca*

As gerações que, hoje, se prepararam para assumir posições e funções de liderança, e outras com influência social determinante, terão de enfrentar um mundo essencialmente caracterizado por transformações profundas, rápidas e imprevisíveis. A história que, diariamente, estamos vivendo e construindo mostra-nos — com a força das modernas tecnologias da informação — os aspectos positivos e negativos que tais transformações podem assumir. O respectivo balanço vai, em última análise, depender da capacidade do Homem para comandar e controlar os processos de mudança no sentido da sua própria dignificação, evitando, assim, ser arrastado, em turbilhão, a reboque daqueles mesmos processos.

Aqui reside a imensa responsabilidade das instituições de formação, em todos os níveis e momentos da educação de base e de formação permanente. É, em suma, a própria união e natureza de tais instituições que está definitivamente em causa, realidade que tem de ser assumida com coragem, clarividência e sem complexos, por alunos e docentes e pelas "forças" sociais que integram o contexto envolvente.

Com efeito, as instituições educativas — muito em particular os estabelecimentos universitários — têm, cada vez mais, que assumir uma missão de agentes de desenvolvimento sócio-económico e cultural, na qual devem ser enquadrados os vectores de transmissão e progresso, do saber, que, tradicionalmente, lhes são atribuídos. Nesta perspectiva, importa que a *Escola* se identifique com um *Projecto Social* com objectivos bem definidos a médio e longo prazos e com uma estratégia clara de mobilização e valorização de recursos com vista à sua prossecução.

Um tal Projecto tem implicações internas e externas à própria Escola. Quanto às primeiras, a Escola deve constituir uma micro-sociedade, que propicie aos respectivos corpos — em particular, aos alunos — uma vivência de processos de mudança que, sendo eficazes, salvaguardem a defesa dos grandes princípios que asseguram o progresso do Homem, em toda a sua plenitude: a honestidade, a intervenção democrática, a persistência, a coragem e a transparência. A participação real e activa dos diferentes corpos da Escola na sua direcção e gestão reveste, neste contexto, a maior importância. Quanto às implicações externas, o Projecto - Escola tem de assumir, com relevo, um vector de prestação de serviços à comuni-

* Docente do ISCTE

dade, assente num estreito e diversificado relacionamento com esta e encarado de modo a constituir um significativo contributo para a própria valorização dos docentes e discentes da instituição educativa.

Se analisarmos a evolução do ISCTE desde a sua criação, em 1972, até às linhas de desenvolvimento estratégico definidas e apresentadas superiormente, constatamos que a política da Escola se insere na perspectiva anteriormente equacionada, assente num conjunto de pontos fortes que caracterizam o perfil institucional e a vivência deste estabelecimento universitário. De referir, em primeiro lugar, o quadro temático em que o ISCTE situa a sua tripla actividade de ensino/formação, investigação e prestação de serviços à comunidade, o qual integra, como grandes domínios, as *ciências empresariais*, as *ciências sociais* e as *tecnologias*. A natureza destes domínios, bem como o leque de áreas em que o ISCTE dispõe de capacidade científica e pedagógica — métodos quantitativos, economia, direito, história, psicossociologia, gestão estratégica, finanças, produção e tecnologias industriais, recursos humanos, “marketing”, informática, sociologia e antropologia social — conferem uma capacidade quase ímpar no panorama universitário português para a construção de um Projecto com grande incidência nos pontos nevrálgicos da Sociedade do presente e, principalmente, do futuro.

Um segundo aspecto a assinalar tem a ver com a vivência interna do ISCTE, nomeadamente quanto à participação dos seus três corpos: alunos, docentes, e pessoal não docente. De salientar, na dinâmica de intervenção de qualquer destas componentes do universo social do ISCTE, um empenhado sentido construtivo e um alto grau de consciencialização e de idoneidade, ainda que no quadro de perspectivas e, até, de interesses específicos naturalmente diferentes. É esta participação *conjunta* assente numa diferença estimulante e enriquecedora que concretiza, a nível da Escola, a existência da micro-sociedade atrás referida e a construção do Projecto que a identifica.

Finalmente e em terceiro lugar, julgo de referir a postura externa do ISCTE, a qual pode ser encarada nos contextos universitário, nacional, e internacional. No primeiro, o ISCTE é, presentemente, um estabelecimento de ensino universitário não integrado, situação que, do meu ponto de vista, lhe tem facilitado a assunção de um projecto próprio com um maior grau de autonomia; em contrapartida, esta mesma situação torna necessária a implementação de esquemas que assegurem uma plena inserção no contexto universitário português. No âmbito nacional, é de assinalar o amplo e diversificado quadro de cooperação do ISCTE com o mundo do trabalho, o qual tem sido concretizado segundo diferentes modalidades, quer no âmbito das licenciaturas, dos mestrados e dos cursos de pós-graduação, quer através da participação em projectos de formação/desenvolvimento nos níveis empresarial/organizacional, sectorial e regional/local. A dimensão internacional tem constituído um importante vector estratégico no desenvolvimento e na afirmação da imagem do ISCTE, quer mediante a celebração de acordos e convénios com instituições universitárias estrangeiras, quer pela participação em programas internacionais, designadamente no âmbito da Comunidade Europeia.

Para além das unidades orgânicas do ISCTE — Departamento, UCEs e Secções Autónomas — é de assinalar o importante papel que tem sido desempenhado pelos Centros de Estudos, organizações autónomas criadas e funcionando na órbita da Escola e em estreita ligação com esta. É este universo Escola-Centros, que deve constituir a base do "Projecto ISCTE", com toda a riqueza científico-pedagógica e capacidade operacional que a própria diversidade institucional lhe confere.

Que futuro se poderá perspectivar para o ISCTE?

A nossa Escola reúne condições particularmente favoráveis — em certos aspectos, mesmo únicas — para assumir um papel de maior relevo na grande e profunda mudança que o panorama universitário português terá, inevitavelmente, que sofrer. Haverá, para o efeito, que manter um diagnóstico lúcido e realista dos pontos fortes e dos pontos fracos do "Projecto ISCTE", num processo de permanente auto-avaliação e consequente correcção.

Duas questões me parecem especialmente importantes numa perspectiva de futuro: o reforço da coesão interna e o posicionamento no universo universitário português. No primeiro aspecto há que explorar, da forma mais positiva, a grande riqueza inerente ao perfil multifacetado do ISCTE e às diferentes perspectivas que, daí, naturalmente, resultam. Os conflitos que, assim, existem constituem — desde que bem geridos — o grande capital para encarar, com sucesso, os desafios do futuro. A segunda questão tem, essencialmente, a ver com as hipóteses que se podem formular quanto à evolução da posição institucional do ISCTE: designadamente, manutenção como escola não integrada, ingresso numa das universidades já existentes ou transformação num novo tipo de instituição universitária. Trata-se de uma opção complexa, que joga com variáveis exteriores à própria Escola. Em qualquer caso, haverá, fundamentalmente, que preservar aquilo que, repito é a grande riqueza do ISCTE: *a globalidade assenta na diversidade*. Defendo que qualquer hipótese de desmembramento que ponha em causa os actuais contornos do "Projecto ISCTE" só enfraquecerá esta Escola e a tornará mais vulnerável aos riscos de ser absorvida por esquemas universitários caducos e desacreditados.

A capacidade interna e a prestigiada imagem externa conquistada pelo ISCTE — tanto no meio universitário, como junto do contexto social envolvente — levam-me a ser claramente optimista em relação ao futuro. Assim a nossa escola continua a construir a sua própria autonomia, aumentando a sua capacidade organizativa, num clima de responsabilidade, de transparência e de confiança, acente numa participação activa e democrática dos alunos, dos docentes e do pessoal não docente.